

Referenciação metadiscursiva no contexto das afasias e da Doença de Alzheimer

Referential metadiscourse in the context of aphasia and Alzheimer's Disease

Edwiges Maria Morato

UNICAMP – Campinas – São Paulo – Brasil



Resumo: Integrada aos atos de referenciação, a metadiscursividade diz respeito àqueles movimentos reflexivos realizados pelos falantes quando se voltam sobre seu enunciado ou sobre o do interlocutor no momento mesmo em que se desenvolve a interação. Os processos metadiscursivos intervêm, pois, tanto na construção da referência, quanto na estruturação e gestão interacional. Com base nisso, duas hipóteses norteiam este artigo i) a referenciação é um aspecto importante da visibilidade da relação entre linguagem e cognição; a partir dela, podemos compreender como os interactantes delimitam – de forma situada e contextual – os processos de significação a que estão expostos (construção da referência, organização conjunta do tópico discursivo, combinação de fatores sociocognitivos e linguísticos na construção do sentido); ii) as duas instâncias da referenciação metadiscursiva, textual e interacional (cf. JUBRAN, 2002, 2005) intervêm com ênfases distintas nas ações reflexivas desenvolvidas por indivíduos com afasia e com Doença de Alzheimer.

Palavras-chave: Referenciação; Metadiscorso; Interação; Afasia; Doença de Alzheimer

Abstract: Integrated to acts of reference, metadiscourse refers to those reflexive movements made by speakers on their own statements or on others' statements during interaction. Referential metadiscourse occurs in order to signal the construction of social meaning and the way conversation is organized and managed. Two hypotheses guide this article: i) referential acts constitute an important way to give visibility to the relationship between language and cognition; observing these acts, we can understand how interactants contextualize and construct social meaning; ii) the two types of referential metadiscourse – textual and interactional (acc. JUBRAN, 2002, 2005) – make evident different reflexive actions performed by individuals with aphasia and Alzheimer's disease.

Keywords: Referential discourse; Metadiscourse; Interaction; Aphasia; Alzheimer's Disease

Introdução

Talvez seja paradoxal, nessa era de computadores e nessa 'década do cérebro', que essa forma radicalmente nova e poderosa de representação cognitiva emane não de quaisquer novos recursos de armazenamento ou faculdades de computação dentro do cérebro humano, mas das novas formas de interação social, que ocorrem entre os indivíduos dentro das culturas humanas. (TOMASELLO, 2003: 299)

Chamada em linhas gerais de sociocognitiva, a perspectiva interacionista a partir da qual focalizamos as atividades referenciais incorpora aspectos socioculturais e linguístico-interacionais à compreensão da problemática cognitiva, investindo no domínio empírico com base na

hipótese vygotskiana (Vygotsky, 1987) segundo a qual não há possibilidades integrais de conteúdos cognitivos fora da linguagem e nem possibilidades integrais de linguagem fora de processos interativos humanos.

Assim, a observação de processos de significação verbal e não-verbal por meio dos quais os indivíduos interpretam e produzem sentido torna-se fundamental para apreendemos não apenas a maneira como se dá a aquisição de conhecimentos novos ou a reestruturação de conhecimentos existentes, mas também o desenvolvimento da capacidade que temos de refletir sobre eles, de (re)organizá-los. Nessa perspectiva, linguagem e interação têm um papel fundamental na constituição da cognição, como demonstram tanto os processos aquisicionais, quanto os que envolvem a (re)organização linguístico-

cognitiva em contextos patológicos, como as afasias e as neurodegenerescências.

Com base nos arrazoados acima, partimos neste artigo da concepção de referenciação *qua* prática textual-interativa, bem sintetizada por Marcuschi da seguinte forma:

a referenciação é um ato de construção criativo e não um simples ato de representação ou de designação extensional de uma expressão no mundo extramental. Mesmo porque há muitos referentes que não têm seu similar no mundo extramental e mesmo assim não são apenas construções mentais (MARCUSCHI, 2002: 43).

Assim, centramos nosso interesse na análise da “habilidade desenvolvida pelos falantes no uso das estratégias conversacionais” (MARCUSCHI, 2001: 50). Duas idéias norteiam esse propósito: i) a primeira delas é que a referenciação¹ é um aspecto importante da visibilidade da relação entre linguagem e cognição; a partir dela, podemos compreender como os interactantes delimitam, de forma ‘intersubjetiva’ e ‘perspectivizada’ – nos termos de Tomasello (2003: 133)² – os processos de significação a que estão expostos no decurso de suas interações³; ii) a segunda tese parte da consideração de que as duas instâncias da metadiscursividade, ‘textual’ e ‘interacional’ (cf. JUBRAN, 2005; JUBRAN e RISSO, 1998), ainda que não deixem de atuar de maneira mutuamente constitutiva, intervêm com ênfases distintas na construção referencial no contexto da afasia e no da Doença de Alzheimer, como temos apontado em estudos anteriores (MORATO, 2008, 2010).

1 A reflexividade da linguagem como prática discursiva

Tanto a significação⁴, quanto a estruturação e a gestão da interação são construídas de forma diversificada pelos interactantes no decurso da comunicação.

Para dar conta da especificidade da ação mais ou menos consciente dos falantes sobre os referentes “centrados na atividade discursiva” que emergem nos enunciados no decurso da interação, alguns autores têm assinalado uma distinção entre referenciação metadiscursiva e referenciação *tout court* (JUBRAN, 2005). Tal distinção, de fato difícil de ser feita nas práticas discursivas, procura levar em conta as diferentes ênfases a que procedem os sujeitos em diferentes instâncias da significação. Assim, admite-se que os falantes se voltam sobre a estrutura e o modo de funcionamento da linguagem em meio a suas práticas linguísticas. Como assinala Jubran (2009: 294), “vários estudos sobre metadiscursividade

são convergentes no que tange à consideração de que o metadiscorso se caracteriza por uma autorreflexividade discursiva, ou seja, o discurso dobra-se sobre si mesmo, referenciando-se”.

Estudiosos que se dedicam à metadiscursividade não deixam de considerar, além disso, que esse fenômeno põe em relevo o caráter reflexivo da linguagem. Contudo, como bem observa Jubran (2003), essa afirmação está longe de constituir um consenso entre os estudiosos. Quanto ao foco referencial do metadiscorso, ressalta a autora, são destacados diferentes aspectos:

alguns mais pontuais, que recaem sobre o signo, pela explicação de seus valores semânticos em determinados contextos comunicativos; outros que destacam unidades mais amplas, como o texto, pela explicitação da organização de sua progressão ou mesmo da sua macro-estrutura; outros ainda que focalizam a natureza dos atos de fala, pela rotulação de seu teor declarativo, responsivo ou interrogativo. Acrescentam-se a essa listagem, em alguns casos, procedimentos relacionados à gestão da interação, com alvo na eficácia comunicativa, pela checagem da boa formulação e recepção informacional (JUBRAN, 2003: 294).

Constituída por fatores internos e externos à significação linguística, a metadiscursividade tem a ver com a realidade heterogênea da instanciação enunciativa e com a emergência de diferentes e variados processos *meta* (metalinguísticos, metaenunciativos, metaformativos, metacomunicativos, etc.) no curso da enunciação:

¹ Segundo Mondada (2001) e Mondada e Dubois (2003), a referenciação consiste não na identificação lógico-perceptiva de referentes pela linguagem, que teria a função metalinguística de espelhar os objetos do mundo, “mas sim de uma construção colaborativa de ‘objetos-de-discorso’, entidades constituídas nas e pelas formulações discursivas dos participantes. É nas e pelas práticas discursivas que eles são postos, delimitados, desenvolvidos e transformados” (MONDADA, 2001: 9), por meio de operações realizadas pelos indivíduos em interação.

² De acordo com o autor, “as representações simbólicas que as crianças aprendem em suas interações sociais com outras pessoas são especiais porque são (a) intersubjetivas, no sentido de que os símbolos é socialmente “compartilhado” com outras pessoas e (b) perspectivas, no sentido de que cada símbolo apreende uma maneira particular de ver algum fenômeno (a categorização sendo uma caso especial desse processo)”. (TOMASELLO, 2003: 133).

³ Dentre esses processos, podemos mencionar a construção da referência, a combinação de elementos que constituem a figuratividade, a operacionalização de *frames* conceptuais e interacionais, a identificação e organização conjunta do tópico discursivo ou conversacional, a manipulação de vários processos meta que atuam na organização do sentido.

⁴ Na perspectiva aqui assumida, de base vygotskiana e tomaselliana, consideram-se como atos de significação os fatores internos e externos da língua e da cognição; a qualidade das interações humanas; as condições materiais de vida em sociedade; o valor intersubjetivo da linguagem e da interação; os diferentes sistemas de referência cultural que regem nossas interpretações, através dos quais agimos e orientamos nossas ações no mundo; as normas pragmáticas que regem por gestão social a utilização da linguagem e dos *frames* conceptuais; os diferentes contextos e enquadres nos quais os sentidos são produzidos e interpretados.

os processos meta (relativos à significação verbal e não-verbal) demandam diferentes níveis de reflexão dos sujeitos sobre a linguagem e essa reflexão, que também torna o sujeito um ‘observador das palavras’ (na feliz expressão de Authier-Révuz), envolve um trabalho sobre a língua e a exterioridade. (MORATO, 2001a: 69).

As ações reflexivas dos indivíduos nas várias situações conversacionais nas quais se engajam não se reduzem, pois, ao sistema linguístico *stricto sensu* (ou seja, não se resumem a uma reflexividade do tipo metalinguístico) e nem tampouco são a expressão de uma capacidade mental e psicológica interna ao sujeito, anterior e superior à linguagem. As ações reflexivas dizem respeito a um ‘saber em uso’; estão baseadas em regularidades linguístico-pragmáticas.

Como se observa, a metadiscursividade tende a não se identificar com operações metalinguísticas (como os grupos nominais metalinguísticos ou as categorizações de referentes), e isso em função do fato de que metadiscorso não pode ser subsumido por metalinguagem – pelo menos não no sentido de uma metalinguagem tomada em termos de uma capacidade mental, uma metalinguagem dissociada ou separada dos contextos de uso social da linguagem (Morato, 2005).

Uma das características da reflexividade é tomar a linguagem em uso como objeto de interpretação. Trata-se, pois, de um plano discursivo-cognitivo da metalinguagem:

em uma perspectiva enunciativa da metalinguagem são salientados os motivos intersubjetivos dos sujeitos na interpretação e na construção do sentido, a constituição heterogênea das significações, o funcionamento da linguagem como atividade compartilhada (MORATO, 2005: 251).

Contudo, tais relações podem alterar-se no caso de instabilidades linguístico-cognitivas derivadas de comprometimentos neurológicos, tais como a afasia ou a Doença de Alzheimer.

No caso da afasia⁵, em função da carência metalinguística que a caracteriza, vemos bem que as relações aludidas acima dependem largamente do papel exercido pelo interlocutor na interação, bem como de toda uma mediação intersemiótica na construção do sentido. No caso da Doença de Alzheimer⁶, em função do declínio cognitivo heterogêneo e progressivo que a caracteriza (com destaque para os sistemas de memória), vemos bem que elas dependem também e largamente do contexto *situado*⁷ da significação.

Como assinala Morato (2010), os estudos neurocognitivos têm consagrado uma dicotomia entre o linguístico e o cognitivo, a partir do que as afasias são

ou se devem essencialmente a um problema linguístico (isto é, metalinguístico) e a Doença de Alzheimer é ou se deve a um problema essencialmente cognitivo, isto é, conceptual, psicológico, não linguístico em última instância.

Contudo, dados empíricos extraídos de situações e práticas discursivas levam-nos a admitir uma interação entre linguagem e cognição, tanto na configuração do quadro semiológico de ambos os contextos patológicos, quanto nas estratégias linguístico-cognitivas comuns levadas a cabo por afásicos e indivíduos com Doença de Alzheimer para superar suas dificuldades. Levam-nos, ainda, a admitir uma discrepância entre comportamentos neuropatológicos (tais como os exibidos pelos indivíduos em situações de testes diagnósticos) e comportamentos pragmaticamente situados (tais como os exibidos em situações de uso ou de comunicação mais efetiva):

Ainda que as alterações de linguagem nas demências sejam inadvertidamente chamadas de afasias, percebe-se uma tentativa recorrente nos estudos neurocognitivos de fornecer padrões diagnósticos diferenciados para o problema da linguagem em ambas as síndromes. Apenas recentemente, estudos dedicados ao tema têm admitido que a linguagem e processos afeitos a ela têm

⁵ A afasia pode ser definida, em termos gerais, como uma alteração de linguagem oral e ou escrita causada por um comprometimento cerebral adquirido. Pode e geralmente é acompanhada de alterações de outros processos cognitivos e sinais neurológicos, como a hemiplegia, a apraxia e a agnosia. Como ressalta Morato: “A tradição estruturalista dividiu as afasias em dois grandes tipos: fluentes e não fluentes, anteriores e posteriores, motoras e sensoriais. As primeiras têm como características os problemas de expressão (como alterações fonético-fonológicas, estereotipias, perseverações, disprosódias, parafasias – sobretudo fonológicas –, fala telegráfica, agramatismo, falta de iniciativa verbal, alteração de linguagem escrita, apraxia bucolabiolingual) e são creditadas a lesões adquiridas na parte anterior do córtex cerebral; as segundas têm como características problemas de compreensão, ausência de déficits articulatorios e alteração nos aspectos semânticos da linguagem (como anomias, dificuldades de evocar ou selecionar palavras, dificuldades maiores com a linguagem escrita, parafasias – sobretudo semânticas –, circunlóquios, confabulações). Os problemas perceptivos e gestuais são mais frequentes e numerosos nesse tipo de afasia, que é creditada a lesões adquiridas na parte posterior do córtex cerebral” (MORATO, 2001b: 153).

⁶ Descrita pelo alemão Alois Alzheimer em 1906, a Doença de Alzheimer se traduz por alterações cognitivas e comportamentais progressivas que constituem uma síndrome demencial associada à presença de lesões histológicas características: placas senis e degenerescências neurofibrilares (cf. DÉFONTAINES, 2001: 37). Com relação aos problemas de linguagem na Doença de Alzheimer, segundo Huff et alli (1986), na chamada fase leve ou inicial seriam identificados déficits na atividade de nomeação, repetições, circunlóquios, uso expressivo de dêiticos e de estruturas sintáticas consideradas ‘simples’, sem déficits expressivos no processamento fonológico. A produção da linguagem é geralmente normal no nível da articulação, sem alterações de linguagem no nível articulatorio – ainda que as pausas e as hesitações sejam consideradas recorrentes.

⁷ Segundo Marcuschi, “a língua em si mesma não providencia a determinação semântica para as palavras e as palavras isoladas também não nos dão sua dimensão semântica, somente uma rede lexical situada num sistema sócio-interativo permite a produção de sentidos. Assim, dizer que todo sentido é situado equivale a postular que nada se dá isoladamente” (MARCUSCHI, 2002: 51).

um papel decisivo diante do declínio cognitivo, bem como têm admitido que na heterogênea semiologia das afasias o problema de linguagem implica sempre e de alguma maneira uma questão cognitiva, relativa à memória, à percepção, à gestualidade, etc. Contudo, ainda que afasia e neurodegenerescência digam respeito a quadros etiológicos e nosológicos distintos, os problemas de linguagem em ambos os contextos são frequentemente similares, tais como dificuldades de acesso e processamento lexical, parafasias, intrusões, alterações gramaticais, repetições, uso abundante de dêiticos, pausas longas ou hesitações – assim como são semelhantes as resoluções encontradas pelos sujeitos frente a eles: reformulações, correções auto e heteroiniciadas, tentativas aproximativas de encontrar palavras ou proceder à atividade referencial, expressiva evocação de semioses não verbais, repetições, pausas, etc. (MORATO, 2008: 160-161).

Por ser a reflexividade um processo que articula aspectos internos e externos da cognição humana, ela não está necessariamente ‘destruída’ no caso das afasias ou nas fases iniciais da Doença de Alzheimer. Estudos sobre julgamento da metaforicidade, por exemplo, apontam que

em relação às afasias, problemas metalinguísticos *stricto sensu* (como as dificuldades de seleção lexical ou de processamento de categorias gramaticais, por exemplo) não destroem a capacidade de operar com elementos metafóricos; do mesmo modo, a instabilidade cognitiva que caracteriza os quadros de declínio cognitivo (irrelevância interpretativa, tendência para intrusões, circunlóquios, confabulações, digressões, etc.), se interfere nos gestos interpretativos requeridos no reconhecimento da metaforicidade, não parece ser capaz de explicá-los inteiramente ou mesmo de – por si mesma – impedi-los (MORATO, 2008: 164).

Estudos dedicados às afasias e à Doença de Alzheimer no âmbito de modelos não estritamente biomédicos têm admitido que a linguagem e a interação atuam de maneira decisiva frente ao declínio cognitivo associado à Doença de Alzheimer, bem como têm admitido que na heterogênea semiologia das afasias a linguagem sempre diz respeito, de maneira direta ou indireta, a uma relação com outros processos cognitivos, como a memória, a percepção, a atenção.

2 Referenciação e metadiscursividade

Estamos compreendendo por metadiscursividade a operacionalização da metalinguagem em contextos de uso da linguagem, à maneira de Risso e Jubran (1998). Nesta seção, dedicamo-nos a detalhar um pouco mais essa ‘operacionalização’.

A perspectiva discursiva e sociocognitiva da construção da referência admite que a língua não se restringe ao sistema linguístico e nem aos aspectos meramente informacionais da linguagem. É o que afirma Koch na passagem abaixo:

A discursivização ou textualização do mundo por via da linguagem não se dá como um simples processo de elaboração de informação, mas de (re) construção do próprio real. Ao usar e manipular uma forma simbólica usamos e manipulamos tanto o conteúdo como a estrutura da realidade de maneira significativa. E é precisamente nesse ponto que reside a idéia central de substituir a noção de referência pela noção de referenciação (KOCH, 2002: 81).

Integrada aos atos de referenciação, a metadiscursividade diz respeito àqueles movimentos reflexivos realizados pelos falantes quando se voltam sobre seu enunciado ou do interlocutor no momento mesmo em que se desenvolve a interação, o que significa que elementos multimodais emergentes na enunciação tornam-se parte constitutiva do processo de produção e compreensão textual. Como afirma Morato, “a interlocução, entre as práticas discursivas as mais diversas, é fundamental para o surgimento de vários processos meta, tanto quanto estes são fundamentais na realização de atividades referenciais” (MORATO, 2005: 252-253).

No decurso de suas interações, os indivíduos lançam mão de variados tipos ou estratégias metadiscursivas. Tais estratégias textual-interativas, segundo Koch (2004), têm em comum o fato de tornarem visível “um trabalho do locutor sobre a língua, sobre seus efeitos e suas circunstâncias pragmáticas” (KOCH, p. 121). Isso faz, entre outras coisas, com que os interactantes se voltem sobre “o modo como aquilo que se diz é dito”. Nas palavras da autora:

1. enquanto as estratégias metaformativas têm como escopo o texto (e, portanto, o dito), as “lógico”-pragmáticas têm como objeto a relação intersubjetiva (o “modus”) e as metaenunciativas dobram-se mais sobre o “dizer-enquanto-se-diz”;
2. apenas as metaenunciativas são claramente autonômicas, isto é, nelas há maior explicitação da representação que o enunciador (sujeito da enunciação) faz de seu dizer;
3. o escopo das estratégias metaformativas é nitidamente textual, o das “lógico”-pragmáticas são as atitudes, os juízos a respeito do mundo, a própria interação, ao passo que as metaenunciativas são tipicamente enunciativo-discursivas;
4. os três tipos de estratégias diferenciam-se pelo grau de reflexividade, que atinge o grau máximo nas metaenunciativas (KOCH, 2004: 121).

Os processos metadiscursivos, em especial os textuais, são largamente formulativos (reformulações saneadoras, repetições, paráfrases, auto e heterocorreções, etc.), no sentido que lhes dá Koch, assinalando que por eles os falantes procedem a reformulações, refletem sobre a adequação dos termos empregados, etc. Os processos metadiscursivos “têm, pois, como escopo, o próprio texto, isto é, operam mais de forma metalinguística ou epilinguística” (KOCH, 2004: 122).

Segundo Borillo (1985), modalidades linguísticas e interacionais dizem respeito a situações enunciativas em que o falante faz referência ao discurso, especificando aspectos do código em uso na elaboração de sua fala ou da enunciação; faz referência ao enunciado para explicitar algumas de suas condições de produção ligadas à gestão do diálogo, tendo em vista sua inteligibilidade; faz referência ao discurso enquanto construção de enunciados com o propósito de explicitar seu desenvolvimento, sua progressão textual e orientação argumentativa. O metadiscorso institui “o discurso como objeto de discurso, estabelecendo referências a diferentes fatores da atividade enunciativa” (JUBRAN, 2005: 238):

a diferença específica do metadiscorso não está na dicotomia uso/menção e sim na natureza de objeto de discurso que ele instaura no texto: no metadiscorso, as palavras são usadas para referirem-se à própria atividade discursiva, indicando a introjeção da enunciação na materialidade textual (JUBRAN, 2005: 220).

Segundo a perspectiva textual-interativa com a qual aborda a noção de referenciação metadiscursiva, Jubran afirma que as “referências metadiscursivas têm a propriedade de autorreferenciação discursiva, indiciando a introjeção da instância e das circunstâncias de enunciação na materialidade textual” (JUBRAN, 2005), tais como i) as referências à formulação linguística do texto (função mais linguístico-textual da metadiscursividade) e ii) as instâncias co-produtoras do texto (função mais interacional da metadiscursividade), que mantêm entre si uma distinção em termos de predominância ou ênfase, mas que mostram sua natureza integrada no decurso da atividade discursiva:

A metadiscursividade de fato engloba vários processos, linguísticos e cognitivos, e sua ênfase em relação à objetivação do sentido recai ora sobre o enunciado, ora sobre a enunciação, ora sobre os recursos linguísticos; ora sobre o contexto interacional, ora sobre outros processos cognitivos cuja realidade semiológica vincula-se à linguagem, mas não se manifesta de forma necessariamente verbal (MORATO, 2010: 105).

A possibilidade de uma instância ou função predominar sobre a outra nas atividades metadiscursivas

está vinculada aos propósitos conversacionais e às circunstâncias de produção e compreensão do sentido. A continuidade entre a função textual e a interacional do metadiscorso se dá, sobretudo, porque a referenciação é um fenômeno baseado em ‘relações’ (linguagem e experiência, locutor e interlocutor, verbal e não-verbal, linguagem e outros processos cognitivos, contexto situacional de produção da interação e contexto social mais amplo, saber linguístico e saber pragmático).

3 Exemplificação

Temos observado que os indivíduos afásicos, assim como indivíduos com Doença de Alzheimer em fase inicial, malgrado suas dificuldades linguístico-cognitivas, são capazes de reorganizar ou reorientar a significação durante a atividade em curso, especialmente em função da interação que mantêm com seu interlocutor em conversações situadas nas quais se torna (mais) perceptível todo um conjunto de processos colaborativos e toda uma construção conjunta e intersubjetiva de referentes (MORATO, 2008). Na Doença de Alzheimer em fase inicial, mais especificamente:

observa-se o aprofundamento da importância do papel do interlocutor na qualidade da autonomia enunciativa do portador de DA e na relevância de seus processos e atos de significação, bem como na estruturação (textual, conversacional, pragmática) da interação. Em outras palavras, o caráter regulador da linguagem e da interação frente aos processos cognitivos passa a depender acentuadamente do papel do interlocutor e dos contextos situados (MORATO, 2010: 105).

Os dados aqui presentes foram extraídos de *corpora* interacionais constituídos de entrevistas semi-dirigidas e conversações espontâneas. Neles, procuramos destacar tanto as intervenções textuais e interacionais da metadiscursividade na linguagem de indivíduos com afasia e com Alzheimer⁸.

(1) Interação Alzheimer/Não-Alzheimer

Veamos abaixo um extrato da interação entre EM (pesquisadora) e GS, uma professora de ensino fundamental aposentada de 71 anos, que recebeu o diagnóstico de provável Doença de Alzheimer de grau leve.

⁸ Os dados são constituídos de i) registros áudio-visuais de situações de conversação com afásicos que frequentam o Centro de Convivência de Afásicos (CCA), que funciona nas dependências do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), bem como de ii) registros em áudio de situações de conversação com pessoas com Doença de Alzheimer, pacientes do Hospital de Clínicas da UNICAMP.

Bem humorada, GS relata à sua interlocutora suas impressões críticas a respeito da consulta médica a que havia se submetido dias antes dessa segunda entrevista com a pesquisadora EM, datada de 08/08/2001.

No episódio abaixo, podemos observar que tanto GS, quanto sua interlocutora mobilizam textual e interativamente alguns dos processos metadiscursivos mencionados por Jubran (2002, 2005) e Borillo (1985), tais como: i) referência à formulação linguística dos enunciados, próprios e alheios (“a senhora fala isso pra ela?”, “Desse jeito!”, “Porque antes, vou falar pra você”, “É isso mesmo”, “Entendeu, compreendeu, ouviu”? Que nem falava o meu médico”, “Pois é mesmo, também acho!”, “De vez em quando ela...fala, fala...”), referência à estruturação tópica das interações verbais (“Então, eu...eu tenho uma vizinha que enche o saco”; “Aí, ela não vem mais pra minha casa”), ii) referência aos papéis enunciativos assumidos na interação (“Bom, pra alguma coisa eu servi pra você!”, “Apesar que eu sei de onde você está a-trás...”), iii) referência ao próprio ato comunicativo (“eu pego isso aí...e cai direitinho...Falo logo: ”ENTENDEU, COMPREENDEU, OUVIU?”; “Você gostou, né, fala a verdade?!”), iv) referência a fatores a instâncias não-verbais co-produtoras dos enunciados, próprios e alheios (“Eu esqueço as coisas. Isso faz tempo, já”; As coisas que eu esqueço, não tem nome de tanta coisa, não”). Vejamos o episódio:

- GS Eu sou assim...Eu vim aqui da outra vez... Não sei... Ah, eu não lembro se eu vim aqui, não sei. Fica assim... ((ri))
- EM Sei.
- GS Eu esqueço as coisas. Isso faz tempo, já. Mas, sabe? Já fiz muita coisa... Ele também continua do mesmo jeito...
- EM Quem, seu marido?
- GS Ele... Nem tanto, sabe? Mas eu também... As coisas que eu esqueço, não tem nome de tanta coisa, não.
- EM A senhora acha que lembra, às vezes; esquece, às vezes? Às vezes, a senhora lembra mais, às vezes lembra menos? Tem dia que acorda lembrando tudo, tem dia que acorda não lembrando de nada?
- GS É isso mesmo. Eu, assim... eu às vezes eu lembro. Quando eu acordo, assim... Falo: “Hoje é dia tanto”. Mas EU mesmo não faço questão de nada! Se é domingo, se é...
- EM E por quê?
- GS Não sei.. Eu ...eu vou vou saber que dia que é, depois que eu tomo... depois que tomo... que eu... leite e tudo. Ah, hoje é... domingo! Não logo... Deve dar um... um tempinho ((ri)) Porque antes, vou falar pra você... Antes, eu queria saber tudo porque eu tinha muita COISA pra fazer.

- “Entendeu, compreendeu, ouviu”? Que nem falava o meu médico ((risos))
- EM ((rindo)) Ele falava assim?
- GS É, esse já foi! Ele falou assim pra mim: “compreendeu”? Ele falou: “ENTENDEU, COMPREENDEU, OUVIU”? ((risos)) Você gostou, né, fala a verdade?!
- EM ((rindo)) Mas ele fala assim?
- GS Desse jeito! ((ri, com o dedo em riste para EM)) Agora você... ((fala rapidamente e com mais intensidade na voz, procurando imitar o médico também com expressão facial circunspecta)) com em tom ”Entendeu, compreendeu, ouviu”? ((risos. GS parece se divertir com o impacto de sua imitação, que provoca os risos de EM)) Agora você não pode falar que... não viu. Que não entendeu, não ouviu... Tá tudo lá, explicado! ((risos)). Eu ria tanto quando ele falou isso! ((imita novamente o médico)) “COMPREENDEU, ENTENDEU, OUVIU?” ((risos)) Conta pra sua turma, pode contar!
- EM Eu vou contar pra minha turma! ((risos)) Quando eu estiver dando aula, vou chegar assim pros alunos... “COMPREENDERAM, ENTENDERAM?”
- GS “OUVIRAM?”
- EM “Ouviram?” //risos//
- GS É, a turma vai ((faz uma expressão facial de espanto))
- EM É, a turma vai ficar assim cheia de espanto...
- GS Bom, pra alguma coisa eu servi pra você! ((risos)) Mais uma coisa nova! ((risos)) Apesar que eu sei de onde você está a-trás...Ele falou... Eu não conseguia...eu queria rir, né? Do jeito dele ((imita novamente o médico))... “ENTENDEU, COMPREENDEU, OUVIU?”
- EM E a senhora falava o quê?
- GS Ah, eu ficava assim... é... aquela cara de ((faz uma expressão facial de incompreensão)) Tinha vontade de dar risada...((ri)) Até hoje eu sei... Quando a pessoa tá falando assim... muito, eu pego isso aí... e cai direitinho... Falo logo: ”ENTENDEU, COMPREENDEU, OUVIU?” ((risos)).
- EM É mesmo, dona G.? ((ri))
- GS Aproveite, é bom rir, né? ((ri))
- EM É ótimo, dona G...
- GS Pois é mesmo, também acho! Então, eu...eu tenho uma vizinha que enche o saco. De vez em quando ela... fala, fala... e tudo isso. “Entendeu, compreendeu, ouviu?” ((EM começa a rir novamente com o relato de GS))
- EM ((rindo)) A senhora fala isso pra ela?
- GS Aí, ela não vem mais pra minha casa. É uma que enche o saco e tudo, quer saber da vida dos outros. Ela não veio mais. Não me interessa da vida dos

outros. Tudo ela quer saber, onde eu vou, o que eu fazia...

EM E a senhora não gosta disso, né?

GS Ah, não.

EM Gosta de levar a sua vida tranquilamente, né?

GS Isso mesmo.

O que nos parece interessante observar no episódio acima é que os variados processos metadiscursivos emergentes na fala de GS e de EM estão relacionados intimamente com ‘pistas de contextualização’ (GUMPERZ, 1998)⁹ e com as mudanças de *footing*¹⁰.

As mudanças de *footing* ocorrem de forma a “realinhar” o enquadre interacional inicial (o enquadre de entrevista investigativa conduzida por EM toma as características de conversação não assimétrica baseada no relato de GS a respeito de sua consulta médica), bem como as posições enunciativas das interactantes (a de GS como paciente de Alzheimer, bem como a de EM como entrevistadora/pesquisadora). Os processos metadiscursivos a que ambas recorrem assinalam também, seja nas inserções metaenunciativas, seja na evocação de conhecimentos e pressupostos compartilhados (por exemplo, sobre o estilo de fala do médico ou as vantagens do riso e do bom-humor) atuam na construção da expressão “entendeu, compreendeu, ouviu”, extraída do momento de enunciação do qual participavam GS e seu médico e transformada em um “objeto de discurso” na enunciação de GS com EM. A referência discursiva dessa expressão é construída enunciativamente por ambas a partir da remissão a distintos contextos de uso (do plano enunciativo de uso, o da enunciação de GS com o médico, para o plano enunciativo da menção, na enunciação de GS com EM, sob a forma de discurso reportado: “Entendeu, compreendeu, ouviu? Que nem falava o meu médico?”; “Ele falou... Eu não conseguia... eu queria rir, né? Do jeito dele... “ENTENDEU, COMPREENDEU, OUVIU”?”; “Então, eu ... Eu tenho uma vizinha que enche o saco. De vez em quando ela... Fala, fala... e tudo isso. “Entendeu, compreendeu, ouviu?”).

Os gestos interpretativos levados a cabo por GS e EM em torno da narrativa da primeira promovem realinhamentos e novos enquadres interacionais, ao mesmo tempo em que estes atuam de forma decisiva na interpretação dos efeitos de sentido da expressão em foco.

⁹ Segundo Gumperz, “é através de constelações de traços presentes na estrutura da superfície das mensagens que os falantes sinalizam e os ouvintes interpretam qual é a atividade que está ocorrendo, como o conteúdo semântico deve ser entendido e como cada oração se relaciona ao que se precede ou sucede. Tais traços são denominados pistas de contextualização” (GUMPERZ, 1998: 152).

¹⁰ “modo pelo qual os interactantes enquadram e negociam as relações inter-pessoais de um evento” (GOFFMAN, 1998: 70).

(2) Interação afásico/não-Afásico

Tomemos agora três extratos de interação entre interlocutores afásicos e não-afásicos. Chamamos a atenção para as operações de auto e heterocorreção, bem como as de modalização autonímica nos dois primeiros exemplos, extraídos da Dissertação de Bassi (2006).

(2a)

O episódio extraído abaixo, datado de 07/08/2003, diz respeito a uma discussão entre os integrantes do Centro de Convivência de Afásicos (CCA) por ocasião da Reforma da Previdência. No extrato focalizado, do qual participam EM (não-afásica) e JM (um senhor afásico), o grupo aborda a indignação popular causada pelos altos salários de setores do funcionalismo público brasileiro. JM procede a uma autocorreção (*atende, atinge*) durante sua enunciação, ajustando a seleção lexical anterior. A reformulação realizada é admitida por EM que a retoma em seu turno (*alguns atingem...*). Ambos também procedem a ajustes enunciativos relativos à referenciação dêitica (gestual e espacial).

JM não é isso que eu quis dizer... o tempo por salário que recebe cinquenta e sete mil...

EM poucos né?... no Brasil?

JM é!

EM sim...

JM mas até o:: funcionário público atende/atinge isso?

EM alguns atingem... por exemplo se... por exemplo os militares são funcionários públicos... os juízes são funcionários públicos...

JM [não... não... os funcionários daqui... ((apontando para o chão))

EM não... claro que não...

JM daqui?

EM daqui não... daqui da universidade?

JM é!

EM não!

(2b)

O episódio abaixo, do qual participam JM, afásico, e EM, não-afásica, é datado de 20/03/2003. O grupo de afásicos e não-afásicos que constituem o CCA conversa sobre a invasão do Iraque pelos Estados Unidos e comenta a respeito dos países que a apoiavam ou não. No extrato abaixo, JM incorpora em seu último turno (“pediu para os Estados Unidos”) uma reformulação feita por EM no turno anterior (“a Rússia não implora... pediu”), de modo a expandir e desenvolver o tópico conversacional, bem como seu ponto de vista, que assinala a falta de apoio à invasão norte-americana por parte de grandes potências (como a Rússia que, enquanto tal, não ‘implora’ algo aos

Estados Unidos, e sim ‘pede’). O ajuste, de ordem meta-enunciativa, assinala que a primeira escolha, “implora”, não corresponde, em termos sociocognitivos, à realidade que deveria designar (o repúdio da Rússia, antigo e poderoso antagonista político dos Estados Unidos, à invasão do Iraque).

- EM os Estados Unidos vão invadir o Iraque e depois... vão tomar conta de um país que não é deles... como é que vai ficar?
 JM ah ((balança a cabeça))... aí a Rússia já... já... implo... implorou não
 EM é... ((ri)) a Rússia não imPLORA... ((risos)) “pediu”
 JM ... pediu para os Estados Unidos acabar com a guerra

(2c)

Tomemos, por fim, o episódio abaixo, extraído da tese de doutorado de Cazelato (2008). Trata-se de uma situação de aplicação de um protocolo de estudo de interpretação e manipulação enunciativa de provérbios por indivíduos afásicos. No extrato em questão, a pesquisadora SC solicita a ES, uma jovem afásica de 31 anos, que explique a expressão proverbial “Por fora bela viola, por dentro pão bolorento”, cuja estrutura binomial expressa em nossa tradição cultural um sentido que remete às aparências que induzem ao engano, advertindo-nos, ainda, sobre os atrativos perigosos.

Chamamos a atenção para o julgamento da metaforicidade e da manipulação de *frames* culturais desenvolvidos por ES, de forma multisemiótica. Vale observar ainda que as operações de ordem meta (metalinguística, metaenunciativa e metaformativa) são fundamentais, no episódio, para a explicitação do sentido do enunciado proverbial.

Para explicitar sua interpretação do sintagma metafórico, ES vale-se da remissão a um exemplo da vida cotidiana e lança mão, em sua atividade referencial, de recursos verbais (uso de dêiticos e marcadores de coesão e progressão textual, recategorizações, formas meta-enunciativas, autocorreção, ênfase prosódica) e não-verbais (direcionamento de olhar, expressão facial, dêiticos gestuais), além de conhecimento enciclopédico e experiência pessoal.

- SC o provérbio... “Por fora bela viola, por dentro pão bolorento” ... conhece esse?
 ES hum hum ((olhando para a lista de provérbios, sobre a mesa))
 ----- ((movimento de afirmação com a cabeça))
 SC e quando as pessoas usam ... o que elas querem dizer... quando elas usam esse provérbio?

- ES ((olhando para o protocolo)) é:: é... por exemplo ... é :: a... aquele ra/rapaz né
 -----((apontando para o lado com o dedo indicador)) por exemplo... a :: aquele rapaz né ... bonito é... aí... bonito... pa caramba... né ((olhando para a investigadora, sorrindo)) mas ó ... SEM VERGONHA... ((dirige o olhar para baixo)) ... é (4s)malandro... ((olhando para a pesquisadora))
 SC hum hum ((balançando a cabeça, em sinal de confirmação))
 ES né ... é (3s) também é ... vagabundo é ... coração ... por dentro ... coração é :: é ...
 ----- ((leva a mão esquerda ao coração)) estragado ((olhando para a investigadora))
 SC tá... isso mesmo... então... quer dizer... por fora bonito... quando vai ver lá por dentro...
 ES hum hum
 ----- ((balança a cabeça em sinal de positivo, rindo e olhando para a investigadora))
 SC estragado... sem vergonha... malandro...
 ES é... eu... e... é... TINHA namorado... é (3s) ó... distância dele ((ri, olhando para a pesquisadora))
 ----- ((gesto com a mão esquerda espalmada se afastando do corpo))
 SC não quer nem lembrar... tá certo
 ES hum hum ((olhando para baixo))
 ----- ((movimento de afirmação com a cabeça))

Comentários finais

Tanto a tradição estruturalista, quanto o compromisso estabelecido desde o início da antiga Afasiologia com modelos naturalistas/organicistas explicam, pelo menos em parte, a preservação do “mito do objetivismo” (cf. LAKOFF e JOHNSON, 2002), bem como o estabelecimento de uma dicotomia entre o cognitivo e o linguístico no terreno dos estudos neurolinguísticos. Como uma das implicações mais relevantes desse panorama, podemos apontar as limitações explicativas da dicotomia entre o linguístico e o cognitivo nas definições clássicas de afasia e de Doença de Alzheimer. Longe de preservar essa dicotomia, os dados que vimos obtendo em nossos estudos sugerem que essas duas instâncias do conhecimento – linguagem e cognição – estão indissolúvelmente ligadas, ainda que estejam comprometidas de forma distinta nos dois contextos patológicos aqui mencionados.

Observando as duas funções da referenciação meta-discursiva que emergem nos episódios acima, podemos observar nos contextos de afasia e de Doença de Alzheimer tanto as interacionais, quanto as textuais. Se ambas as funções estão presentes na conversação com afásicos, na interação com a paciente Alzheimer a função interacional foi predominante.

Nossos dados indicam a forma estratégica pela qual essas duas funções da referenciação metadiscursiva salientam a dimensão essencialmente intersubjetiva das manifestações linguísticas. Mesmo em situações de instabilidade da linguagem - ou precisamente nelas.

À guisa de conclusão, podemos conjecturar que o mundo pode não ser um produto original da linguagem, como já nos alertava Humboldt (1972). Contudo, quando pensamos na responsabilidade da linguagem na continuidade ou na ponte conceptual e interacional entre homem e realidade, optamos por concluir com Vygotsky (1987): “só a linguagem, por sua natureza mediadora, põe essa relação a claro”.

Referências

- BASSI, Elisângela. O percurso socio-cognitivo da construção da referência em situações interativas envolvendo afásicos e não afásicos. 2006. 93 fls. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 2006.
- BORILLO, Andrée. Discours ou Metadiscours? *DRLAV – Revue de Linguistique*, Paris: Centre de Recherche de l’Université de Paris VIII, v. 32, p. 91-151, 1985.
- CAZELATO, Sandra. O. *A interpretação de provérbios parodiados por afásicos e não afásicos*, 2008. 182 fls. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 2008.
- DÉFONTAINES, Bénédicte. *Les démences*. Paris: MED-Line Éditions, 2001.
- GOFFMAN, Erving. Footing. In: RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M. (Orgs.). *Sociolinguística interacional*. Porto Alegre: AGE, 1998 [1979]. p. 70-97.
- GUMPERZ, John. Convenções de contextualização. In: RIBEIRO, Branca. T.; GARCEZ, P. M. (Orgs.). *Sociolinguística interacional*. São Paulo: Loyola, 2002 [1982]. p. 149-182.
- HANKS, William. F. O que é contexto. In: BENTES, Anna Christina; REZENDE, Renato C.; MACHADO, Marco A. R. (Orgs.). *Língua como prática social: das relações entre língua, cultura e sociedade a partir de Bourdieu e Bakhtin*. São Paulo: Cortez, 2008.
- HUFF, F. Jacob; CORKIN, S.; GROWDON, J.H. Semantic impairment an anomia in Alzheimer’s disease. *Brain and Language*, v. 28, n. 2, p. 235-249, 1986.
- HUMBOLDT, Wilhelm von. *Linguistic variability & intellectual development*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press., 1972 [1936].
- JUBRAN, Clélia A.S. Marcadores metadiscursivos em entrevista televisiva: funções textuais-interativas. *Estudos Linguísticos XXXI*, São Paulo, 2002. [CD-Room].
- JUBRAN, Clélia A.S. O discurso como objeto-de-discurso em expressões nominais anafóricas. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, n. 44, p. 93-103, jan./jun. 2003.
- JUBRAN, Clélia A.S. Especificidades da referenciação metadiscursiva. In: KOCH, Ingedore G.V.; MORATO, E. M.; BENTES, A. C. (Orgs.). *Referenciação e discurso*. São Paulo: Contexto, 2005. p. 219-242.
- JUBRAN, Clélia A. S. O metadiscorso entre parênteses. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. 38, n. 3, p. 293-303, set./dez. 2009.
- JUBRAN, Clélia A. S. A metadiscursividade como recurso textual-interativo em entrevista televisiva. In: BARROS, Kazuê S. M. (Org.). *Produção textual: interação, processamento, variação*. Natal: Editora da UFRN, 1999. p. 9-19.
- KOCH, Ingedore G. V. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2002.
- KOCH, Ingedore G. V. *Introdução à linguística textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metáforas da vida cotidiana*. São Paulo: Mercado das Letras, 2002 [1980].
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. Atos de referenciação na interação face a face. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, n. 41, p. 37-54, jul./dez. 2001.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. Do código para a cognição: o processo referencial como atividade criativa. In: *Veredas – revista de estudos linguísticos*, Universidade Federal de Juiz de Fora, v. 6, n. 1, p. 43-62, jan./jun. 2002.
- MONDADA, Lorenza. Gestion du topic et organisation de la conversation. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, n. 41, p. 7-36, jul./dez. 2001.
- MONDADA, Lorenza; DUBOIS, Daniëlle. Construção dos objetos de discurso e categorização: Uma Abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTE, M. M.; RODRIGUES, B. B.; CIULLA, A. *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003 [1995]. p. 17-52. (Clássicos da Linguística, 1).
- MORATO, Edwiges Maria. (In)determinação e subjetividade na linguagem de afásicos: a inclinação anti-referencialista dos processos enunciativos. *Cadernos de Estudos Linguísticos* 41: 55-74, 2001a.
- MORATO, Edwiges Maria. Neurolinguística. In: MUSSALIN, Fernanda.; BENTES, A. C. (Orgs.). *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2001b. p. 143-170.
- MORATO, Edwiges Maria. Metalinguagem e referenciação: a reflexividade enunciativa nas práticas referenciais. In: KOCH, Ingedore G. V.; MORATO, E. M.; BENTES, A. C. (Orgs.). *Referenciação e discurso*. São Paulo: Contexto. 2005. p. 243-263.
- MORATO, Edwiges Maria. O caráter sócio-cognitivo da metaforicidade: contribuições do estudo do tratamento de expressões formulaicas por pessoas com afasia e com Doença de Alzheimer. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 16, n. 1, p. 157-177, jan./jun. 2008.
- MORATO, Edwiges Maria. A noção de *frame* no contexto neuro-linguístico: o que ela é capaz de explicar? *Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Letras e cognição*, n. 41, p. 93-113, 2010.
- RISSO, Mercedes S.; JUBRAN, Clélia. A. S. O Discurso Auto-Reflexivo: processamento Metadiscursivo do Texto. *ID.E.L.T.A.*, v. 14, n. especial, p. 227-242, 1998.
- RISSO, Mercedes S.; JUBRAN, Clélia. A.S. A propriedade auto-reflexiva do metadiscorso. In: BARROS, Kazuê. S. M. (Org.). *Produção textual: interação, processamento, variação*. Natal: Editora da UFRN, p. 203-214, 1999.
- RISSO, Mercedes S.; JUBRAN, Clélia. A.S. A emergência da atividade discursiva no texto falado: sinalização metadiscursiva da busca da denominação. *Estudos Linguísticos XXIX*. Assis, 2000. p. 103-111.

TOMASELLO, Michael. *Origens culturais da aquisição do conhecimento humano*. São Paulo: Martins Fontes, 2003 [1999].

VAN DIJK, Teun. *Discourse and Context: A sociocognitive approach*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. *Mind in Society*. Harvard: The President and Fellows of Harvard College, 1978 [1930].

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. Thinking and Speech. In: RIEBER; ROBERT; CARTON, A. (Eds.). *The collected works of L. S. Vygotsky*. New York: Plenum Press, 1987 [1934]. Vol. I.

Recebido: 17 de novembro de 2011

Aprovado: 29 de dezembro de 2011

Contato: edwigesmorato@hotmail.com